

**FAZENDO ARTE NO BERÇÁRIO: A INTERDISCIPLINARIDADE ARTÍSTICA NO  
DESENVOLVIMENTO DE BEBÊS****Maiara Aparecida Alves<sup>1</sup>**  
**Eliane Cristina da Silva<sup>2</sup>, Laís Leni Oliveira Lima<sup>3</sup>**<sup>1</sup>Universidade Federal de Jataí / [maiaraalves@ufj.edu.br](mailto:maiaraalves@ufj.edu.br)<sup>2</sup>Universidade Federal de Jataí / [eliane.silva@discente.ufj.edu.br](mailto:eliane.silva@discente.ufj.edu.br)<sup>3</sup>Universidade Federal de Jataí / [lais\\_lima@ufj.edu.br](mailto:lais_lima@ufj.edu.br)**Resumo**

Este trabalho é resultado de um projeto de intervenção, realizado em uma instituição pública de educação infantil, escola campo da Universidade Federal de Jataí, que atende crianças de 4 meses a 3 anos e 11 meses de idade. As crianças são divididas em turmas, conforme a idade, em Berçário I, Berçário II, Maternal I e Maternal II. Este trabalho foi realizado em uma turma de Berçário II com crianças de 1 a 2 anos de idade. O objetivo geral do projeto foi promover às crianças do berçário experiências artísticas educativas que integrem as artes visuais, a música, o teatro, a dança, visando estimular a criatividade, a expressão individual e o desenvolvimento global dos bebês. A metodologia utilizada foi a pesquisa-ação, pois esta, segundo Franco (2005) é um exercício pedagógico que cientificiza a prática educativa, a partir de princípios éticos que visualizam a contínua formação e emancipação de todos os sujeitos da prática. É possível concluir que as experiências artísticas contribuem para o desenvolvimento cognitivo, motor e afetivo das crianças, além de promover a interação e a socialização durante as atividades desenvolvidas.

**Palavras-chave:** Experiências artísticas. Artes visuais. Desenvolvimento.

**Introdução**

Este trabalho é parte de um projeto de pesquisa-ação, realizado em uma instituição municipal de educação infantil. Partindo da importância do trabalho com Arte na Educação Infantil conforme fundamentado pelo Documento Curricular para Goiás (DC-GO, Goiás, 2018), por meio do campo de experiência “Traços, Sons, Cores e Formas”. Partimos da seguinte problematização: é possível trabalhar as Artes Visuais, Música, Teatro, Dança, com crianças do Berçário II? Este trabalho pode envolver a ocorrência de uma práxis pedagógica na turma e em nossa formação enquanto estagiárias, promovendo um processo de aprendizagem significativa?

O objetivo geral do projeto foi promover às crianças do berçário experiências artísticas educativas que integrem as artes visuais, a música, o teatro, a dança, visando estimular a criatividade, a expressão individual e o desenvolvimento global dos bebês. Para alcançar esse

objetivo geral, elencamos os objetivos específicos, quais foram: incentivar a criatividade e expressão artística das crianças por meio de atividades de artes visuais, música, teatro e dança; estimular a cooperação e o trabalho em equipe entre as crianças, promovendo a interação e a socialização durante as atividades desenvolvidas; proporcionar experiências sensoriais e emocionais que contribuam para o desenvolvimento cognitivo, motor e afetivo das crianças; explorar as potencialidades individuais das crianças em diferentes atividades artísticas, de modo a manipularem diferentes objetos, materiais e diversos sons; ampliar os conhecimentos das crianças para ajudar na identificação de diferentes objetos, cores e tintas.

A educação infantil é a primeira etapa da Educação Básica, constituído por lei, esta etapa vincula-se as crianças brasileiras de faixa etária de zero a cinco anos e onze meses de idade. De acordo com o DC-GO (Goiás, 2018) e a Matriz Curricular Anual do Berçário II (Jataí, 2024), nos Centros Municipais de Educação Infantil (CMEI), o trabalho é realizado com bebês (zero a 1 ano e 6 meses) e crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses). As instituições de educação infantil devem fornecer as crianças atendimento de qualidade social e garantir o seu direito de viver a infância; devendo equiparar as oportunidades de acesso e a participação das crianças na apropriação e produção de diferentes conhecimentos; conhecimentos estes de diferentes naturezas, assegurando que toda criança tenha seus direitos de aprendizagens e desenvolvimento garantidos (Goiás, 2018).

Esse projeto “Fazendo Arte no Berçário: a interdisciplinaridade artística no desenvolvimento de bebês”, desenvolvido na turma de Berçário II, se justifica, uma vez que, desde a educação infantil, deve-se encaminhar um trabalho que concretize os direitos proclamados, nesse sentido, é preciso incorporar concepções renovadas de criança, de desenvolvimento infantil, de atividade, de tempo, de espaço. Dessa forma, objetivando alcançar esses parâmetros de qualidade, tais documentos colocam em destaque os objetivos de desenvolvimento da autonomia, responsabilidade, criatividade, ludicidade, proporcionando vivências com as diferentes manifestações artísticas e culturais. Assim, é indiscutível a importância de um projeto que propõe experiências artísticas e educativas às crianças, integrando as artes visuais, a música, o teatro, a dança, oportunizando a ampliação do repertório cultural mediante aos conhecimentos artísticos mais elaborados.

Faz-se necessário incentivar a criança o desenvolvimento da sua autonomia e investigação, de forma que promova o seu protagonismo, acreditando na sua capacidade. O DC-GO (Goiás, 2018, p. 95), afirma que, nesse processo, o professor deve fazer o papel de mediador

do aprendizado da criança, na “perspectiva de ampliar o modo de ver, experimentar, registrar e imaginar o mundo, desenvolvendo possibilidades criação, crítica, estesia, expressão, fruição e reflexão sobre traços, sons, cores e formas”.

### **Entre limites e possibilidades: a arte com os bebês**

Para que ocorra o trabalho com arte no berçário de forma significativa, especialmente quando se pensa em bebês, faz-se necessário que o contexto de interação social favoreça experiências significativas para eles e a arte se apresenta como meio dessa expressão e comunicação. Desse modo, o trabalho com a arte no berçário pode resultar no desenvolvimento da linguagem nos bebês, permitindo-os a se comunicarem e se expressarem. A arte é imprescindível para o desenvolvimento dos bebês pois possibilita a criação, invenção e imaginação, de forma que eles tenham o máximo de oportunidades para ampliar-se, com desafios, brincadeiras e vivências (Hawthorne, 2021).

De acordo com Schroeder (2012) toda forma de arte tem uma dimensão cognitiva (conhecimentos, técnicas, modos de fazer), afetiva (sentimentos, escolhas, intenções) e motora (gestual, mais explícito nas artes cênicas, ou mais implícito, como na música e nas artes plásticas). Conforme o contexto educativo pode-se ocorrer ênfase em um desses aspectos, mas todos devem estar presentes de alguma maneira. Com crianças bem pequenas, o aspecto afetivo e motor são privilegiados em detrimento do cognitivo, mas isso não significa que este não deva ser considerado. Ainda para este autor, é primordial ocorrer integração entre as diversas linguagens artísticas, pois para as crianças ainda na educação infantil, não há distinção clara entre as várias formas de arte, nem entre a arte e a brincadeira. De acordo com Schroeder (2012, p.84)

[...] o desenho é um gesto, uma ação que tem uma narrativa e leva à simbolização; a música é movimento/dança, pode ser também uma história; o teatro confunde-se com o faz de conta e muitas brincadeiras envolvem várias linguagens artísticas. Assim sendo, parece-me pouco interessante o trabalho com uma linguagem isolada, no qual não há propostas de integração.

Portanto, percebemos que o trabalho com as diferentes linguagens artísticas é de suma importância ser realizado com as crianças desde a mais tenra idade.

Compreendemos que os Estágios Obrigatórios nos cursos de formação de professores, especificamente no curso de Pedagogia, é um momento que possibilita aos discentes realizar

processos de investigação, ou seja, o estágio permite o contato direto com a realidade do dia a dia da instituição. Nessa perspectiva, durante as observações participantes realizadas no Estágio Curricular Obrigatório I - Educação Infantil, inúmeras demandas suscitaram na realidade escolar. Como afirma Franco (2005), a pesquisa-ação é esse mergulho na práxis do grupo social em estudo, de onde se extraem perspectivas latentes, o oculto, o não familiar. Nesse sentido, são essas demandas que devem nortear nosso trabalho enquanto estagiárias, uma vez que não basta observar, denunciar, criticar, mas é preciso criar alternativas de ação.

Durante os estágios, estavam postos vários desafios, dentre eles, o primeiro era compreender como os bebês se apropriavam do mundo. Essa reflexão gerou em nós uma nova ação. Como afirmam Pimenta e Lima (2005/6), o papel da teoria é iluminar e oferecer instrumentos para análise e investigação. Dessa forma, aproximamos mais da instituição educativa e da referida turma para compreendermos os fatores determinantes da realidade e propor o projeto de pesquisa-ação.

A partir das demandas da turma observada e de acordo com a dinâmica do trabalho nas disciplinas de Estágio Curricular Obrigatório I e II – Educação infantil, partimos para a elaboração do projeto de intervenção. Para o desenvolvimento desse trabalho, foi preciso escolher um tema gerador que pudesse oferecer possibilidades de um trabalho criativo à ação pedagógica com situações de exploração, falas e interações.

### **Possibilidades de fazer arte com os bebês**

A turma do Berçário II é constituída por 18 crianças, sendo 11 meninos e 7 meninas; e por três educadoras: uma professora e duas agentes educativas. Curiosas e bem-humoradas (tanto as educadoras quanto às crianças), nos receberam muito bem naquela sala.

Nessa turma, a rotina se estruturava a partir do acolhimento na chegada à instituição. A alimentação e a higiene, praticamente tomava todo tempo das educadoras. O espaço da sala se constituía de berços, recostados às paredes, uma decoração que consistia em móveis, uma mesa com uma televisão, nichos para guardar brinquedos, as mamadeiras e copos de água das crianças; um varal de fotos e duas decorações em E.V.A: uma de duas crianças brincando na grama e a outra de passarinhos.

Após as observações participantes e a elaboração do projeto de pesquisa-ação, retornamos à instituição para a materialização do referido projeto. Apresentamos o projeto à

professora regente da turma, a qual gostou muito da proposta e, a partir disso, buscamos trabalhar com as diferentes áreas do conhecimento por meio da arte. De acordo com a Base Nacional Curricular Comum (BNCC, Brasil, 2017) e o Documento Curricular para Goiás (DC-GO, Goiás, 2018), em seus campos de experiências, indica que a centralidade do processo educativo está na relação estabelecida entre os sujeitos, as linguagens e o mundo, pressupondo o entrelaçamento dos conhecimentos científicos, tecnológicos, ambientais, culturais e artísticos com as situações concretas vividas pelas crianças, na família, nos espaços de manifestações religiosas, em movimentos sociais, na instituição educacional. Estes também abrangem os contextos que buscam produzir sentidos e significados, envolvendo a organização de tempos, espaços, seleção e oferta de materiais com mediações do (a) professor (a) e de outros profissionais da instituição; organização das crianças em pequenos e grandes grupos, socialização dos processos de aprendizagens e desenvolvimento entre as crianças, as turmas, as famílias e/ou responsáveis (Goiás, 2018). O campo de experiência abordado nesse projeto se refere ao “Traços, Sons, Cores e Formas”, que aborda:

- Manifestações Artísticas – Artes Visuais, Música, Teatro, Dança, Audiovisual;
- Manifestações culturais;
- Sensibilidade e Criatividade.

A partir desse momento, demos encaminhamento daquilo que havíamos proposto no projeto, de forma a promover o desenvolvimento das crianças, bem como atuar de forma interdisciplinar com os demais campos de conhecimento.

### **Riscos e rabiscos: descobertas, desenhos e a criação de marcas de um momento**

No primeiro dia de regência da turma, chegamos no Centro Municipal de Educação Infantil às 07 horas da manhã. A professora regente ainda não havia chegado, entramos e guardamos os materiais que utilizaríamos para a nossa aula. Logo em seguida as educadoras chegaram e começamos a receber as crianças com entusiasmo e muito carinho neste primeiro contato. Assim, ficamos ao lado das educadoras auxiliando-as nesse acolhimento. Percebemos que as crianças estavam menos receosas conosco, diferente dos primeiros contatos. Nesse acolhimento, ao invés de ligar a TV, como de costume, colocamos músicas uma caixa de som JBL<sup>1</sup>. As crianças ficaram procurando de onde vinha o som e notaram a ausência da televisão.

---

<sup>1</sup> Caixa de som James Bullough Lansing.

A constituição desse novo objeto – som na caixa – e ao convite para pular e dançar, qualificou nossa interação entre as crianças e com as professoras. Colocamos vários brinquedos no chão, de forma espalhada, próximo ao tatame, para que as crianças pudessem brincar, até o momento do lanche. Esse momento foi realizado não só por nós estagiárias, mas por todas as educadoras da turma, transformando o espaço e as relações que nele se estabeleciam. Nossos receios e angústias, aos poucos foram incorporando nas vivências daquele momento.



Figura 1: momento de acolhimento, crianças dançando e cantando

Um momento marcante da entrada, foi na chegada de uma criança, que se apresentou um pouco receosa com nossa presença. Nesse momento, um colega a viu e foi recepcioná-la muito feliz, a abraçou e a encaminhou para dentro da sala, em seguida ele mostrou os brinquedos para ela. Pimentel et al. (2021) afirmam que, por meio da interação das crianças com outras crianças, existe a construção de laços de afeto e respeito, onde são evidenciadas as características individuais que compõe a identidade de cada uma. Outro fator importante é que as relações de interação que ocorrem no ambiente escola são um importante meio para se construir as aprendizagens. As crianças que estão inseridos em uma mesma faixa etária não possuem níveis de conhecimento iguais, cada uma tem seus próprios níveis de saberes, assim, quando o professor propõe vivências que a criança possa trocar conhecimentos com outras tem-se construção de aprendizagens.

Prosseguindo, à medida em que as crianças foram chegando, algumas se sentavam ao chão e brincavam; outras andavam nos velocípedes, outras pulavam e dançavam. Esse momento inicial já nos permitiu encontrar espaços e oportunidades para o ensinar e o aprender.

Percebemos que algumas crianças que são mais retraídas, nos momentos de música e

dança, elas têm se mostrado mais expressivas. Uma delas falou “vem”, acenando com a mão, nos chamando e mostrando objetos que queriam que fossem pegos. Observamos que elas reconhecem onde guardam as mamadeiras, muitas reconhecem de quem são as mamadeiras.

Em relação ao desenvolvimento da fala as crianças estão de acordo com o mencionado por Prates, Melo e Vasconcelos (2011), a criança com idade de 1 ano a 1 ano e 6 meses geralmente utiliza duas palavras, responde sim e não, utiliza gestos com a cabeça para responder e aponta o dedo quando quer indicar determinados objetos, identifica as partes do corpo apontando e utiliza os objetos de uso convencional, como quando uma das crianças pegou o secador de cabelo de brinquedo e agia como se estivesse secando nosso cabelo. Outra criança utilizou o pente para pentear nossos cabelos.

Posteriormente fomos para a área do solário organizar os recursos para mais uma atividade. Colocamos papel A4 nas cores branca, rosa, amarela e azul; folha de cartolina branca, verde, rosa, marrom e lilás; folha de papel canson vermelha, preta, amarela e azul; cartolinas nas cores branca, rosa e lilás; duas folhas A4 foram cobertas com fitas transparentes para que tivesse uma superfície riscante diferente. No chão, além das folhas citadas, também foi colocado uma caixa de papelão aberta e folhas de papel kraft. Os riscadores foram carvão vegetal, canetinha hidrocor, lápis de cor, giz de cera, giz, pincéis. Colocamos as tintas em pratos descartáveis fundos, com quatro cores diferentes. Todos os riscadores usados não causavam nenhum dano a saúde das crianças, eram produtos atóxicos e em tamanhos maiores, para que não corressem o risco de colocar na boca e se engasgarem.



Figura 2: Organização dos materiais para a aula

Com esta aula objetivamos que as crianças manipulassem os riscadores, utilizando os diversos papéis com cores, tamanhos e texturas diferentes, os quais estavam fixadas no chão e na parede. Dessa forma, incitamos o processo de criatividade, expressão e desenvolvimento da autonomia ao utilizar os diferentes riscadores e realizar diferentes grafismos no momento de produção, bem como a utilização do movimento de pinça.

Rabiscar, desenhar e escrever são momentos importantes durante o desenvolvimento infantil, estas são expressões construídas pelo ser humano e por meio delas o sujeito estabelece sua relação com o grupo do qual faz parte. Por meio dos movimentos gráficos o homem materializa um ato, tanto objetivo quanto subjetivo. Assim, pelo desenho, a criança representa o seu universo interno, desempenha personagens e inventa regras, mantendo uma relação de propriedade com os seus desenhos (Pereira e Silva, 2011).



Figura 3: diferentes grafismos no momento de produção

Com o auxílio de todas as professoras, colocamos as crianças sentadas em volta do papel, quando elas viram os diferentes riscadores, ficaram muito eufóricas, querendo pegar e usar aquele material. Nunes (2022, p.15) afirma que “aliado à infância há uma folha de papel, lápis de cor, canetinhas, ou até mesmo um giz e um chão pronto para receber as mais profundas expressões de um pequeno que vive sua infância em integralidade”. As crianças se expressam em suas produções simbólicas, assim, toda criança manifesta o ato de desenhar nas folhas de papel ou qualquer outro lugar que lhes pareça propício, é no desenhar que as crianças contam suas histórias, suas inquietudes e o faz de conta que representam suas visões próprias de mundo.

Explicamos às crianças que tínhamos ali diferentes papéis e riscadores para que elas

pudessem desenhar. Inicialmente todas as crianças pegaram os riscadores, três crianças já começaram a riscar, as demais tivemos que auxiliá-las, mostrando que poderiam riscar no chão e na parede. A partir da explicação e do entendimento da atividade, elas entenderam o que foi proposto e começaram a riscar os papéis. Ao verem os riscadores, elas pegaram primeiro os mais conhecidos, lápis de cor, giz de cera e canetinha; o giz comum e o carvão, elas estranharam, mostramos que estes também riscavam e que podiam ser usados para riscar, traçar.



Figura 4: Realização das atividades de riscos e rabiscos

Em relação aos papéis, elas não apresentaram preferência por nenhum tipo específico, usaram todos de maneira indistinta, mais tarde, notaram que podiam rasgá-los. Posteriormente entregamos os pincéis e as tintas. O manipular das tintas foi um momento de encantamento e muita alegria, elas estavam muito entusiasmadas para usá-las, percebemos que essa foi a atividade que elas mais gostaram.

Dentre os riscadores, a tinta foi a predileta, acreditamos ser devido as crianças já a conhecerem, elas estavam muito interessadas em poder manuseá-la, sendo o ponto auge da aula. Então, após a entrega das tintas, dentro de um prato descartável, eles puderam manusear, pintaram seu corpo os braços, as pernas, passaram nos colegas.

Uma das crianças, ao pegar o carvão disse “sujou”, mostrando que ele sujara as mãos ao manuseá-lo, por não conhecerem o carvão e o giz, as crianças ficaram receosas em usá-los, ou usaram menos. As crianças utilizaram todos dos objetos riscantes, exceto o carvão, riscando os papéis e a própria pele. Acerca dessa informação, compreendemos que a prática pedagógica deve ser cautelosa, porém, o professor deve ter intencionalidade no ato de ensinar, para que a

criança seja constantemente estimulada a ver e pensar sobre suas produções.

### **Considerações finais**

Podemos dizer que, esse período de observações e regência em uma instituição pública de educação infantil, teve resultado muito positivo e uma das razões desse fato deu-se em decorrência da boa convivência entre nós estagiárias, professora regente, agentes educativas e as crianças. Outra situação propiciadora dessa positividade, foi recorrer as teorias para interpretar a realidade observada, esses fatores nos possibilitaram condições para nossa atuação profissional.

Em relação aos bebês, estes não desenvolvem por si só, mas seu desenvolvimento dependerá das suas aprendizagens, mediante as experiências a que foram expostos, dessa forma, durante as atividades, os incentivávamos a utilizarem todos os riscadores, a riscar no chão e na parede, a fim de perceberem a diferença da espessura do traçado, da variação das cores nas diferentes cores de papéis, visando que eles pudessem experienciar a atividade num todo.

Para compreender melhor a expressão da criança, mediante os desenhos, é necessária saber que esta, ao entrar em contato com materiais específicos, desenvolve a habilidade física, social, intelectual e afetivo-emocional. Este desenvolvimento ocorre de maneiras diversas. Elas, ao verem alguém utilizando materiais como lápis, tinta, papel, entre outros, poderão tentar repetir o movimento que o outro está fazendo ou então poderão ter alguém que as oriente na utilização dos mesmos.

Buscamos mediar o aprendizado, pois os bebês não conheciam todos os riscadores e não sabiam como utilizá-los, assim os orientamos a utilizá-los e realizarem os movimentos de forma espontânea. Pinto e Branco (2009, p.516) afirmam que as mediações do professor devem ser significativas e planejadas de modo intencional, visto que este deve potencializar, nas crianças, desenvolvimentos cada vez mais sofisticados e complexos, por meio da aprendizagem do conhecimento formal, culturalmente valorizado, assim como da promoção de objetivos socioafetivos, morais e relativos ao desenvolvimento pessoal de cada criança.

A manipulação das tintas foi um momento ímpar para os bebês e de muita alegria, todos queriam participar. Incentivamos que eles pegassem os pincéis, que passassem na tinta e pintassem os papéis, a maioria deles parecia nunca ter lidado com o pincel antes, pela forma de pegá-lo e por não saber usá-lo, mas com nossa mediação, logo estavam pintando.

Percebemos nos bebês, durante toda a atividade, o prazer, a alegria, o encantamento

em poder desenhar, manusear os diferentes materiais e em experienciar esses materiais e suas texturas. Durante a atividade eles fizeram diversos riscos, rabiscos, linhas e círculos de forma desordenada, se caracterizando como a etapa da garatuja desordenada, que ocorre entre o primeiro e o quarto ano de vida. Nessa fase a criança começa a rabiscar e se surpreende ao ver que um lápis em sua mão deixa marcas no papel, encontramos nessa fase o início da expressão que levará a criança ao desenho, o que reflete o prolongamento e o movimento rítmico de ir e vir, movimentos estes que com o tempo, segundo Leal (2010), transformam-se em formas definidas que apresentam maior ordenação e podem estar se referindo a objetos naturais, objetos imaginários ou mesmo a outros desenhos. A criança ao desenhar nessa fase sente-se prazer ao constatar os efeitos visuais que essa ação produziu.

### **Referências**

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação: MEC Brasília:, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br> acesso: set. 2024.

FRANCO. M. A. S. Pedagogia da pesquisa-ação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, set./dez. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/DRq7QzKG6Mth8hrFjRm43vF/abstract/?lang=pt> Acesso em: set. 2024

GOIÁS. Secretaria de Estado de Educação, Cultura e Esporte – **Documento Curriculares para Goiás - Educação Infantil**. Goiânia-Go, 2018. Disponível em [/basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/curriculos\\_estados/go\\_curriculo\\_goi.as.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/curriculos_estados/go_curriculo_goi.as.pdf). Acesso: agosto de 2024.

HAWTHORNE, J. G. **Arte no berçário: bebês explorando, criando e aprendendo**. 2021. 37f. (Monografia em Pedagogia) – Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2021.

JATAÍ. **Matriz Curricular Anual Berçário II**. Prefeitura Municipal de Jataí, Jataí, 2024.

LEAL. R.C.D. **O desenho infantil e suas etapas de evolução**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Faculdade São Luís de França, Aracaju - SE, 2010.

NUNES, A.L.S. **Da ponta do lápis à ponta do pé: desenhos infantis e imagem corporal**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) –Universidade de Brasília, Brasília – DF, 2022.

PIMENTA, S.G.; LIMA, M.S.L. Estágio e docência: diferentes concepções. **Revista Poésis**, v. 3, n. 3 e 4, p.5-24, 2005/2006.

PIMENTEL, C.M; FREIRE, C.S.; BARROS, D.M.B.; PINHEIRO, F.V.; COSTA, I.S.;

ALMEIDA, M.S.C.; BARBOSA, V.D.N. A socialização na educação infantil. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**. São Paulo, v.7, n.10. 2021.

PEREIRA, C. C. S.; SILVA, M. K. **Grafismo infantil: leitura e desenvolvimento**. Caderno de formação: didática geral. São Paulo: Acervo digital da UNESP, 2011. p. 91.

PINTO, R.G.; BRANCO, A.U. Práticas de socialização e desenvolvimento na educação infantil: contribuições da psicologia sociocultural. **Temas em Psicologia**, v. 17, n. 2, p.511 – 525, 2009.

PRATES, L.P.C.S.; MELO, E.M.C.; VASCONCELOS, M.M.A. **Desenvolvimento da linguagem em crianças até os seis anos** – cartilha informativa. Projeto Creche das Rosinhas. Departamentos de Pediatria e Fonoaudiologia da Faculdade de Medicina da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais. 2011.

SCHROEDE, S. C. A arte como linguagem: um olhar sobre as práticas na educação infantil. **Leitura: teoria e prática**, v. 30 n. 58, 2012.